

# A ESCRITA NA SEGUNDA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL: DOS ERROS ÀS MARCAS DE ORALIDADE

Maria de Fátima de Souza Aquino (UEPB)  
[fatimaaquinouepb@yahoo.com.br](mailto:fatimaaquinouepb@yahoo.com.br)

## 1. Introdução

A linguagem, como parte constitutiva do ser humano, está sujeita a alterações. Uma vez que o homem está sempre evoluindo, mudando suas ideias, é natural haver, também, variações e mudanças linguísticas para acompanhar a evolução humana.

Assim, nos ambientes sociais de interação comunicativa é comum o uso de diversas variantes que compõem o falar de diferentes comunidades linguísticas. A escola é um desses ambientes onde se concentra uma diversidade de uso da linguagem. O uso das várias formas de linguagem na sala de aula é assunto debatido pelas diversas áreas de conhecimento que se interessam pelas questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem.

A aplicação dos estudos sociolinguísticos na escola vem sendo um dos temas de interesse de pesquisa do grupo **Estudos de linguagens e implicações para o ensino**, da Universidade Estadual da Paraíba. Nesses estudos procuramos destacar a necessidade de a escola desenvolver uma “pedagogia da variação linguística” (FARACO, 2008; BORTONIRICARDO, 2004, 2005), em que se considerem as variedades linguísticas que os alunos trazem de sua comunidade, ao mesmo tempo em que se ensina a variedade culta da língua, para que esses possam ampliar sua competência sociolinguística. Dessa forma, defendemos um ensino cujo foco seja a reflexão sobre o uso da língua em detrimento de um ensino exclusivamente normativo, em que a norma culta seja vista como única variedade a ser tratada na escola.

Neste trabalho, objetivamos apresentar algumas reflexões sobre erros de escrita em textos de alunos da segunda fase do ensino fundamental e a influência da oralidade na escrita desses textos. Para tanto, este artigo está estruturado da seguinte forma: na seção 2, apresentaremos algumas considerações sobre fala e escrita; na seção 3, destacaremos o tratamento dado à noção de erro na escola; na seção 4 apresentaremos a metodologia empregada na pesquisa e a análise dos erros presentes nos textos observados. Por fim, as considerações finais e as referências.

## 2. Considerações sobre fala e escrita

Considerando a linguagem como forma de interação social entre os interlocutores, estudiosos da língua buscam estabelecer uma relação entre a língua oral e a língua escrita em um processo complexo de interação que envolve o texto. Marcuschi (2001), ao tratar da relação entre fala e escrita, apresenta uma diferenciação entre a fala e a oralidade, embora uma esteja inserida na outra. A fala seria uma manifestação textual-discursiva, na

modalidade oral, que abrange formas e estruturas, sem haver necessidade de aparatos tecnológicos, uma vez que é efetivada pelo ser humano em uma esfera sonora. A oralidade, por sua vez, seria uma prática social interativa usada pelo sujeito e efetivada por meio da fala. Já a escrita seria um modo de produção textual-discursiva manifestada por meio da grafia, necessitando, portanto, de algumas especificidades materiais. Nesse aspecto, as características dessas manifestações da linguagem põem de um lado fala e oralidade e de outro, a escrita.

Assim, para o autor, a fala encontra-se no plano da oralidade, apresentada em diversos gêneros discursivos, fazendo com que haja um ato de interação. A oralidade, além de ser sistematizada por som, envolve um conjunto de recursos prosódicos e expressivos, como entonação, gestos, movimentação do corpo, que, quando utilizados, visam a dar significado ao que está sendo dito. A escrita possui o mesmo objetivo da fala, isto é, a interação comunicativa; no entanto, a diferença está na sua constituição.

Para Kato (1998), a escrita e a fala são realizações de uma mesma gramática da língua, mas há variação na forma pela qual as atividades linguísticas são distribuídas entre as duas modalidades devido a diferenças temporais, sociais e individuais. Para a autora as duas modalidades de linguagem são parcialmente isomórficas. Na fase inicial de aquisição da escrita, esta tenta representar a fala e, posteriormente, a fala procura simular a escrita.

Em suma, a fala e a escrita são formas de manifestação da linguagem por meio de signos verbais, as quais, em geral, são adquiridas de forma e em contextos diferentes. Enquanto a aquisição da fala acontece de forma natural no ambiente familiar; a escrita exige um aprendizado formal, pois consiste na apropriação de conhecimentos convencionados pelo homem de maneira arbitrária, e tem na escola o principal espaço para o desenvolvimento de seu aprendizado.

No aprofundamento das reflexões sobre fala e escrita um conceito importante é o de letramento. Marcuschi (2001, p. 21) define letramento da seguinte forma:

O letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, letramentos, como bem disse Street (1995). Distribui-se em graus de domínio que vão de um patamar mínimo a um máximo.

A partir dessa afirmação, compreendemos que o letramento está relacionado ao uso da língua oral e da escrita em variados contextos sociais. Ou seja, os letramentos contemplam a inserção do sujeito nas práticas de produção linguística apoiadas em gêneros textuais.

Sobre a relação entre alfabetização e letramento, Kleiman (1995, p. 20) tece o seguinte comentário:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se com o letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes.

Nesse sentido, letramento é concebido como as práticas sociais de leitura e de escrita utilizadas pelos indivíduos em contextos sociais específicos. Assim, uma pessoa letrada é aquela que participa de forma significativa de eventos de letramentos não apenas aquela que faz o uso formal da escrita.

Em uma sociedade letrada, a escrita está presente nas múltiplas atividades da vida cotidiana das pessoas e, mais amplamente, como registro de seu patrimônio, científico, histórico e cultural. Assim, como bem coloca Antunes (2003, p. 48), a escrita “possibilita a realização de alguma atividade sociocomunicativa entre as pessoas e está inevitavelmente em relação com os diversos contextos sociais em que essas pessoas atuam.”

Em relação à oralidade em sala de aula, a autora alerta para a quase omissão da fala como foco do trabalho escolar, isto é, a falta de foco na oralidade para o desenvolvimento da competência comunicativa e interativa dos alunos. Isto acontece porque muitos professores acreditam, ingenuamente, que os usos da língua oral são tão presentes no cotidiano que não precisam ser matéria das aulas. (ANTUNES, 2003, p. 24).

Seguindo essa linha de raciocínio dos autores citados, postulamos que cada uma das modalidades da língua não deve ser vista como estanque, nem que uma se sobrepõe a outra. Cabe à escola discutir com os alunos esses dois modos de representação social e cognitiva da linguagem, sem postular superioridade à escrita nem reduzir a oralidade a algo inferior.

## **2. A escola e a correção do erro de escrita**

No cotidiano escolar, é comum a ideia de que os erros dos alunos são frutos da falta de conhecimento sobre a língua materna. Nesse sentido, a noção de língua materna está associada a uma única variedade da língua – a norma culta; e o parâmetro para o julgamento do erro é a gramática normativa. Essa visão precisa ser revista, pois se faz necessário compreender a natureza desses erros para a avaliação de sua influência no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, é imperioso questionar como a escola procede à correção desses “erros”. Quais as consequências dessa correção para o desenvolvimento da escrita do aluno? Qual a ação do professor/escola para sanar as dificuldades dos alunos com as linguagens falada e escrita? Essas questões são pertinentes ao considerarmos que o aprendizado das habilidades de oralidade, leitura e escrita é fator imprescindível para o desenvolvimento intelectual do aluno dentro e fora da escola. Visto que, em uma sociedade letrada como a nossa, alguns erros de escrita são estigmatizados e imprimem uma carga social muito negativa sobre quem os comete.

Nessa perspectiva e em consonância com a visão de Bortoni-Ricardo (2004, 2005), defendemos que deve haver uma diferença quanto ao tratamento pedagógico dos “erros” de oralidade e erros de escrita dos alunos. A autora defende que os erros cometidos pelos alunos são sistemáticos e previsíveis quando são conhecidas as suas características dialetais.

Segundo Bortoni-Ricardo (2006, p.275), as pedagogias contemporâneas têm focado o erro como um processo de aprendizagem da ortografia, por isso “cada erro deve ser objeto de discussão entre professor e aluno.” Nesse sentido, vislumbra-se uma nova perspectiva para o trabalho com o texto do aluno, enfatizando o processo de reescrita para que este consiga perceber seus erros de escrita e compreender as peculiaridades da norma da fala e da escrita. Como bem coloca Marcuschi (2001, p.17), a oralidade e a escrita “são práticas e usos da língua com características próprias, mas não são suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”.

Seliar-Cabral (2003) também chama a atenção para as diferenças entre o sistema oral e o sistema escrito, enfatizando o desenvolvimento espontâneo da linguagem oral e a aprendizagem sistemática e intensiva para a escrita.

Seguindo essas reflexões, apontamos a necessidade de se encontrar, em sala de aula, formas efetivas de conscientizar os educandos sobre as variedades linguísticas, fazendo-os compreender suas características, tanto da variante que a escola quer ensinar, como das pertencentes ao cotidiano dos alunos, para que esses possam, também, compreender as diferenças entre fala e escrita e como aquela pode influenciar no uso desta.

Assim, no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, a escola não pode desconhecer a competência linguística que o aluno já adquiriu, ao longo de sua vida, nas interações e experiências vividas na sua rede social. Para o domínio da escrita é exigido dos alunos o conhecimento paulatino das regras, muitas vezes arbitrárias, da língua que está sendo estudada. Desta forma, embora, no processo inicial de alfabetização, as crianças tentem representar a escrita com base nos sons da fala, essa representação não acontece fielmente, uma vez que, na escrita, as variações da fala são desconsideradas. A escrita, portanto, atua como um fator de unificação linguística, pois busca neutralizar as variantes linguísticas por meio da ortografia.

Ao fazer uma análise de erros de escrita, Bortoni-Ricardo (2005, p.54) postula algumas categorias de erros com base em uma análise sociolinguística:

1. Erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita.
2. Erros decorrentes da transposição dos hábitos da fala para a escrita: erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado, erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais, erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas.

Nessa perspectiva de análise, os erros inseridos na primeira categoria não apresentam relação com a oralidade, pois dizem respeito à questão ortográfica. Já os erros decorrentes da interferência de regras fonológicas revelam a influência da oralidade na escrita dos alunos.

Após a exposição dos fundamentos que embasam esse estudo, na seção seguinte serão destacados os dados da pesquisa e sua análise.

### **3. Marcas da oralidade na escrita: a pesquisa e análise dos dados**

Para a realização deste trabalho foram utilizadas amostras de textos coletados no projeto VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA: marcas de oralidade na leitura e escrita de alunos da segunda fase do ensino fundamental PIBIC/UEPB. A pesquisa do projeto compreendeu a observação de atividades de leitura e de escrita em sala e a gravação de leitura e atividades de escrita realizadas pelos alunos para análise da interferência de variantes da fala nessas atividades. Os sujeitos que compõem a pesquisa são alunos da segunda fase do ensino fundamental (6º ao 9º ano) de uma escola pública da cidade de Guarabira/PB. Para a coleta dos dados de escrita foi feita uma exposição, aos alunos, com slides, vídeos, explanação oral e dialogada sobre o significado e as consequências do *bullying* na escola. Após a explanação e discussão, os alunos produziram um texto sobre o assunto abordado.

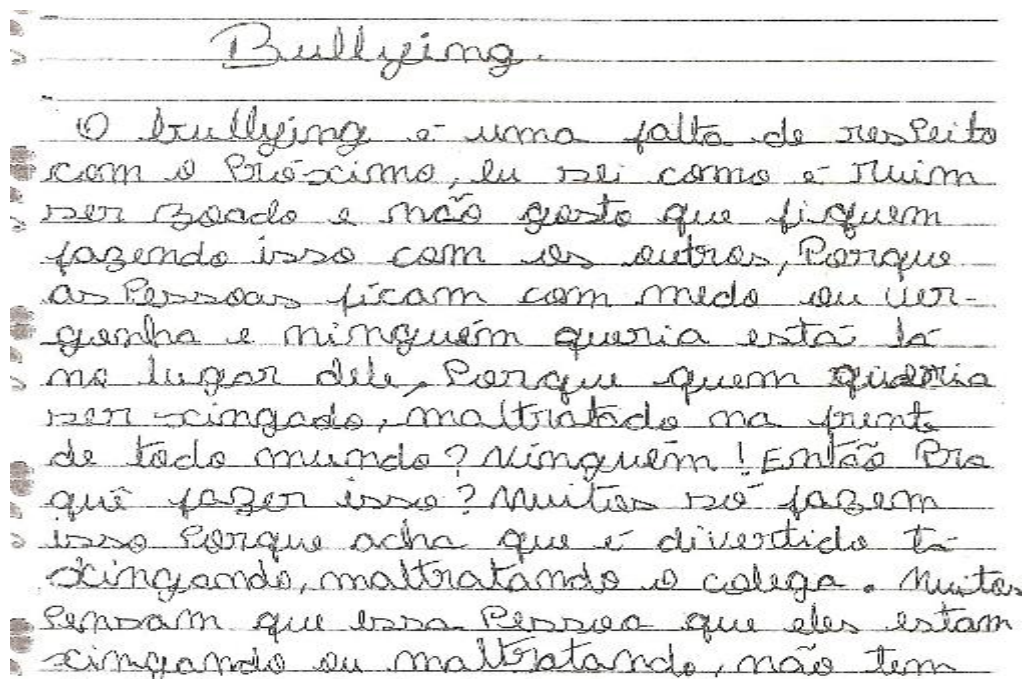
Para este estudo foram selecionados textos produzidos por alunos do 7º ano. Nosso objetivo é analisar os erros presentes nos textos, observando a influência de aspectos da oralidade na escrita dos alunos.

Para a análise dos textos, os erros foram classificados em duas categorias: erros decorrentes de transcrição da fala, erros decorrentes da natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita. (BORTONI-RICARDO, 2005)

Embora predominem, na amostra estudada, os erros baseados na transcrição da fala, percebemos também a ocorrência de erros referentes ao não atendimento às convenções da escrita, os quais indicam falta de domínio básico do sistema ortográfico.

Passemos, então, aos textos.

### Texto 1



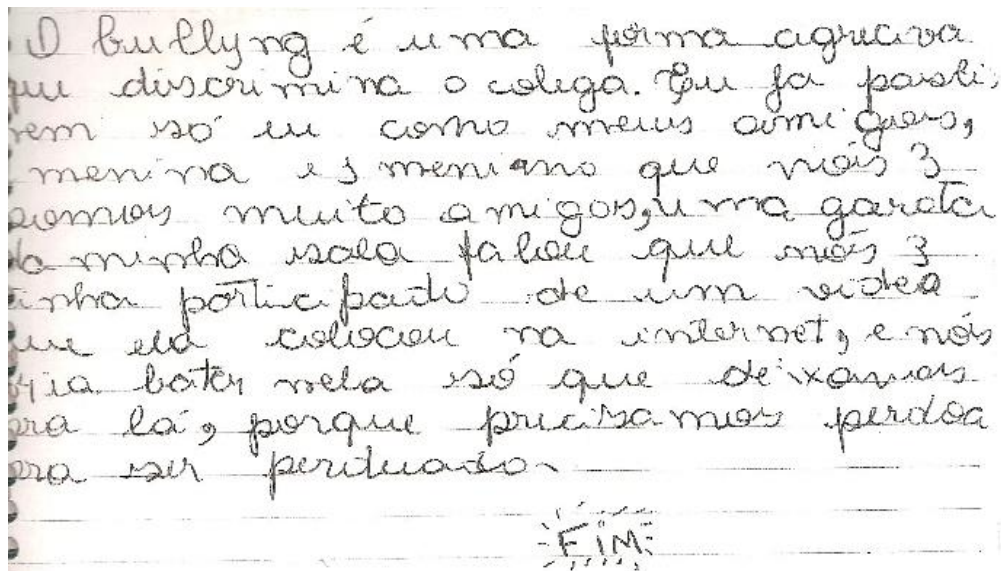
Bullying.

O bullying é uma falta de respeito com o próximo, eu sei como é. Não quer ser zocado e não gosta que fiquem fazendo isso com os outros. Porque as pessoas ficam com medo ou vergonha e ninguém queria estar lá no lugar dele. Porque quem gostaria ser zocado, maltratado na frente de todo mundo? Ninguém! Então por que fazer isso? Muitos só fazem isso porque acha que é divertido tá zingando, maltratando o colega. Muitos pensam que isso. Pessoas que eles estão zingando ou maltratando, não tem

Neste texto, além das questões referentes à sua estruturação formal - o texto apresenta um único parágrafo com pontuação inadequada, o que compromete a coesão textual - observamos erros decorrentes de influência da fala na escrita, como a redução da preposição 'para > pra', redução do verbo 'está > tá'; como também o apagamento do 'r' na locução verbal 'queria está > queria estar', que são formas típicas da linguagem falada. Observamos, também, erro morfosintático de concordância, como em '**muitos só fazem isso porque acha...**'; e um erro típico da falta de domínio de normas da escrita, como podemos observar na forma verbal '**estam > estão**'.

Considerando o contexto de produção do texto analisado e o fato de ser de um escrevente cursando o 7º ano do Ensino Fundamental, em que se espera uma consolidação da escrita de palavras usuais, não se esperava encontrar esses erros na escrita de alunos desse ano escolar.

## Texto 2



O bullying é uma forma agressiva que discrimina o colega. Eu já passei com isso eu como meus amigos, meninas e meninos que nós 3 somos muito amigos, uma garota da minha sala falou que nós 3 tinha participado de um vídeo que ela colocou na internet, e nós não queria bater nela só que deixamos pra lá, porque precisamos perdoo pra ser perdoados.

FIM

No texto 02, observamos a incidência de erros ocasionados pela falta de domínio das normas ortográficas, a exemplo da escrita de **'agreciva > agressiva'**; **'pasei . passei'**. Como, também, erro morfosintático de concordância, como em **'nós 3 tinha participado...'** e **'nós queria bater nela'**. Como erro por influência da oralidade, destacamos a redução da preposição **'pra > para'** e o apagamento da marca de infinitivo no verbo **'precisamos perdoa > precisamos perdoar'** e elevação da vogal em **'perduado > perdoado'**.

### Texto 3

o Bulking quer dizer agressão física ou moral  
eu já presenciou uma cena de Bulking em  
acho isso uma coisa muito baixa  
encaram, por que sem pensar que se acham  
mas espertas ou mas fortes ou ali  
com mas força, mas pensar ficam  
bagunçando com as outras.  
Dizer de um pensar ficam bagunçando  
era pra dar ajuda um as outras por que  
ninguém é melhor que as outras por que  
no final maior todos iguais

Neste texto, como nos anteriores, destacamos erros decorrentes da falta de domínio das normas ortográficas, a exemplo da escrita de ‘**agreção** > **agressão**’; ‘**física** > **física, fossa** > **força**’. Observamos, também, erro morfosintático de concordância, como em ‘**coisa muito baixo...**’, a não distinção entre a conjunção **mas** e o advérbio **mais**, como em ‘**se acham mas espertas**’. Como erro por influência da oralidade destacamos a redução da preposição ‘**pra** > **para**’.

#### Texto 4

O Bulling é Various coisas. Ailton  
m uma do Palatina Various Passos  
na Sobrem com isso. tato em casa  
e trabalho na locais e em. Various  
libros lugares. isso da minha. Para  
em sobre a Pessoa. Pardo e Sobal  
e. São. Tudo os lugares de. Embra  
de redes sociais. Por que sabem que  
to. ser. chamado. isso de. mab  
nido.  
fim

No texto 4, chamou-nos atenção os erros referentes à nasalização das vogais. O escrevente, ao mesmo tempo em que apaga a consoante que nasaliza a vogal, como em ‘tato em casa > tanto em casa’, insere a nasal em contexto que não a exige como em ‘lugarens > lugares’. Estes exemplos representam bem a escrita como transcrição da fala do escrevente. Como erro decorrente do pouco domínio das convenções da escrita e das normas gramaticais, destacamos respectivamente a escrita de ‘chingar > xingar’ e ‘por que > porque’ explicativo.

Ao analisarmos os erros, associados à qualidade textual dos textos produzidos, podemos depreender que estes refletem a falta de um trabalho produtivo com a escrita no contexto escolar em que esses alunos estão inseridos.

#### Conclusão

Aprender a ler e a escrever é uma das experiências mais significativa da vida escolar que vai influenciar o cotidiano acadêmico e social do indivíduo. Embora as atividades de leitura e escrita, na escola, venham sendo desenvolvidas desde a educação infantil, é no ensino fundamental que elas passam a ser trabalhadas e cobradas pelos professores de forma mais rigorosa. Pois, nessa fase, espera-se que os alunos já tenham avançado no processo de aquisição do código escrito e de sua utilização social.

Neste artigo nos dedicamos à análise dos erros de escrita encontrados na produção textual de alunos do 7º ano do ensino fundamental, como também refletir sobre a influência da fala na escrita desses alunos. Observamos, nos textos analisados, a incidência de erros de escrita influenciados tanto pela variante do aluno como por pouco domínio do sistema ortográfico da língua. Observamos, também, que os textos analisados apresentam



deficiência quanto ao conteúdo e estruturação. Fato que demonstra a necessidade de um trabalho mais efetivo, por parte da escola, com atividades de produção textual numa perspectiva interacional.

Face o exposto, faz-se necessário à escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, adequar-se ao novo contexto sociocultural para atender às demandas das transformações pelas quais passa o processo educacional, revisando suas práticas de ensino para que essas possibilitem um trabalho mais eficaz de modo a favorecer a superação das dificuldades dos alunos nas atividades de escrita de textos.

## Referências

ANTUNES, Irandé. **Aulas de português: encontros & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AQUINO, Maria de Fatima **Uma proposta de tipologia de “erros” de leitura: análise sociolinguística e cognitiva**. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella. Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair . Maria; COELHO, Izete L. (Org.) **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

\_\_\_\_\_. **Nós chegamos na escola, e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. Variação linguística e atividades de letramento em sala de aula. In: KLEIMAN, Angela. B. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

BORTONI-RICARDO, Stella. Maris; FREITAS, Vera. A. de Lucas. Sociolinguística Educacional. In: HORA, Dermeval; ALVES, Eliane Ferraz; ESPÍNDOLA, Lucienne C. **ABRALIN: 40 anos em cena**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 6 ed., São Paulo: Ática, 1998.

KLEIMAN, Angela. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela. B. (Org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Guia Prático de Alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2003.